



ratificaram o rigor da avaliação tradicional e como é inserido no contexto da prática docente na sala de aula.

O debate continua, colocam-se ponderações diante do que se estudou, e que no dia a dia, a avaliação possa na prática docente, exercer um caráter justo e democrático dentro de uma postura pedagógica clara e coerente, tem se consciência de que há um caminho a percorrer, nessa utopia.

Referências

- DEPRESBITERIS, L. **O Desafio da Avaliação da Aprendizagem: Dos fundamentos a uma proposta inovadora.** São Paulo: EPU, 1989.
- HOFFMAN, J. **Avaliação, Mito e Desafio.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.
- LIMA, A. O. **Avaliação Escolar -Julgamento x Construção.** 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar.** São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- MAIA, G. A. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem: Avaliar para crescer.** In ANDRIOLA, Wagner Bandeira. MC DONALD, Brendan Coleman. **Avaliação: Fiat Lux em Educação.** Fortaleza: UFC. 2003.
- PAVÃO, Z. M. **Avaliação da Aprendizagem: concepções e teoria da prática.** São Paulo: Champagnot, 1999.



ATIVIDADE AVALIATIVA DO 1º ANO – UMA ANÁLISE PEDAGÓGICA DOS ITENS DE ESCRITA

*Maria Leonir do Nascimento Silva
Meiriane Costa Lázaro Monteiro Vieira
Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca*

Introdução

A alfabetização, atualmente, vem direcionando o âmbito educacional e junto dela surge a avaliação diagnóstica para perceber os pontos falhos da educação. Para diagnosticar se uma criança contempla os aspectos da escrita, leitura e compreensão de textos são necessários instrumentos de avaliação com eficácia e validação comprovada.

A partir dessa perspectiva alguns Estados, ao longo dos anos, têm investido na criação e desenvolvimento de sistemas de avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Dentre estes, destaca-se o Estado do Ceará, com o Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC. Criado em 2006 e contando com a participação da Universidade Federal do Ceará – UFC, da Secretária do Estado do Ceará – SEDUC e de outras instituições brasileiras na área da avaliação¹, o PAIC está dividido em cinco eixos: (1) o eixo de avaliação externa, (2) de gestão pedagógica, (3) de gestão da educação do município, (4) da Educação Infantil e (5) de formação do leitor.

O eixo de avaliação do Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC tem como um dos seus principais objetivos, auxiliar os municípios do Estado do Ceará na criação e desenvolvimento de seus próprios sistemas de avaliação. Nesse sentido, a partir de 2007, o PAIC, através do Eixo de Avaliação Externa vem desenvolvendo um trabalho intensivo na construção de instrumentos de avaliação diagnóstica de língua portuguesa para serem aplicadas no 2º ano, 3º ano, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental dos 184 municípios do Estado do Ceará.



No ano de 2010, o Eixo de Avaliação Externa do PAIC construiu um instrumento de avaliação para dar o diagnóstico das aprendizagens de leitura e de escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental com o objetivo de possibilitar intervenções pedagógicas adequadas. Este instrumento, denominado Atividade Avaliativa PAIC – *Alfa* 2010, foi cuidadosamente elaborado pelos especialistas do Eixo de Avaliação Externa e, durante sua construção, manteve-se um constante diálogo com o Eixo de Alfabetização. O instrumento foi pré-testado e os resultados foram analisados na perspectiva estatística e pedagógica.

Tal avaliação foi uma demanda dos próprios municípios, advinda da necessidade de acompanhar as crianças que estão sendo preparadas para o processo de aquisição da leitura e da escrita. Essa demanda foi respaldada pelo Eixo de Alfabetização que viu na proposta uma maneira eficaz de orientar a prática pedagógica dos professores alfabetizadores sob sua responsabilidade, uma vez que o Eixo realiza a formação continuada e o acompanhamento sistemático dos professores do 1º ano em todas as escolas públicas do Estado do Ceará. Já se sabe que este trabalho, de fato, tem contribuído para os bons resultados dos alunos nas avaliações do 2º ano.

É importante ressaltar que, assim como as demais avaliações realizadas pelo PAIC, esta avaliação também teve um caráter puramente diagnóstico, configurando-se como um importante e valioso instrumento para a reflexão sobre as práticas pedagógicas. De maneira alguma, esperava-se que as crianças já estivessem alfabetizadas no período de aplicação, tampouco que os resultados servissem para comparação, seleção, classificação ou qualquer outro fim dessa natureza.

Compreendemos que o diagnóstico dos saberes já construídos pelas crianças a respeito da linguagem escrita ainda na fase inicial de alfabetização é importante para o processo de ensino-aprendizagem.



O estudo se caracteriza como descritivo e analítico já que se faz uma análise dos dados obtidos na aplicação da atividade avaliativa do 1º ano no Estado do Ceará no ano de 2010, assim como do item referente a escrita aplicado.

Assim, o presente trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira, apresentamos uma breve síntese teórica sobre o processo de alfabetização e letramento. Já na segunda parte, analisamos os itens de escrita, na terceira analisamos os gráficos dos resultados obtidos na aplicação do instrumento no Estado. E, por fim, apresentamos algumas considerações finais a respeito desta temática.

Uma Breve Discussão a Cerca dos Termos Letramento e Alfabetização

A palavra letramento vem do termo *literacy*, que significa “condição de ser letrado”. O letramento é a apropriação da leitura e da escrita nas práticas sociais, é fazer uso da língua oral e escrita no contexto social que o indivíduo está inserido. Segundo Soares (1998), uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada, isto é, a pessoa pode saber ler e escrever, porém não faz uso desse saber no seu dia-a-dia. Assim como pode ocorrer de uma pessoa ainda não ser alfabetizada e ser letrada, ou seja, embora a pessoa não saiba ler e escrever ela convive em um meio em que a leitura e a escrita estão muito presentes.

Como cita Simonetti (2005) “etimologicamente, o termo alfabetizar quer dizer levar à aquisição do alfabeto, ensinar as habilidades de ler e escrever, processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita” (p. 17). Ou seja, alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever e, conseqüentemente, alfabetização é a ação de alfabetizar. No processo de alfabetização o aluno está cognitivamente em desenvolvimento, por isso, torna-se extremamente necessário o uso de várias atividades que abordam a escrita, não só atra-



vés da oralidade, mas também através de diferentes tipos de escrita e leitura.

Emília Ferreiro (2010) destaca que os registros espontâneos das crianças, oferecem valorosas oportunidades para que se possam buscar um esclarecimento sobre como essas formam suas próprias compreensões do sistema de escrita. De modo que, segundo a concepção construtivista, ao buscar essas compreensões, a criança, na tentativa de apropriação desse sistema, suas escritas passam por um processo regular. Podendo assim, em tal processo se observar três grandes períodos pelos os quais perpassam muitas outras subdivisões. O primeiro é observado quando as crianças conseguem separar o desenho da escrita (pré-silábico); o segundo é quando elas próprias estabelecem certas regras (hipóteses) que as auxiliam na apropriação da linguagem escrita (silábico); o terceiro e último período inicia-se com as crianças relacionando fonemas e letras (silábico-alfabético), posteriormente evoluindo para o domínio alfabético da escrita. Dentro dessa concepção, Ferreiro (2010) ressalta ainda, que as crianças irão aprender e passar por esse processo que se denomina de Evolução Psicogenética da Escrita, independente de se encontrar submetidas ao ensino sistematizado. De forma que, cabe aos profissionais de educação inteirar-se, de maneira crítica e consciente, desses conhecimentos relativos à aprendizagem infantil e integrá-los as suas práticas pedagógicas.

Vale ressaltar a importância do diagnóstico em sala de aula, pois é através dele que o(a) professor(a) deve definir estratégias de intervenção pedagógica e também a forma de avaliar seus alunos. A avaliação em sala de aula é muito importante e deve ser direcionada para os diferentes níveis de escrita dos alunos.

O/A professor(a) deve ter uma concepção clara do objetivo da avaliação. A avaliação não deve ser punitiva, nem objetiva classificar o aluno como pior ou melhor da sala. Ela deve



ter o caráter diagnóstico e as crianças também devem entender esse processo como tal.

A idéia de medir o desempenho dos alunos está enraizada na mente dos professores, bem como na dos educandos, gerando, dessa forma, distorções no real sentido da avaliação. No entanto, entendemos avaliação como uma prática que vai além da medida, da qualificação. (ALVES, TEIXEIRA e PASSOS. 2008. p. 101).

É preciso que essas três concepções alfabetização, letramento e avaliação caminhem juntos na intenção de uma melhoria na educação de nossas crianças.

Análise dos Itens (Atividade) – Nome Próprio e Palavras

A proposta da atividade escrita foi colocar palavras comuns do cenário infantil e que fossem do mesmo campo semântico, no caso, o tema foi “CIRCO”. A avaliação se deu através da aplicação de dois itens em que os alunos foram orientados a escrever o nome próprio e quatro palavras (foca, circo, pipoca e cartola). (ver apêndice A).

Na primeira parte da atividade escrita foi solicitado ao aluno que ele escrevesse seu nome do jeito que ele soubesse. A grafia do nome é uma das primeiras etapas de escrita dentro da sala de aula.

O próximo item foi construído levando-se em conta o valor gráfico. A primeira palavra é uma palavra canônica e dissílaba (FOCA), a segunda uma palavra não canônica dissílaba (CIRCO), a terceira uma palavra canônica trissílaba (PIPOCA) e a última palavra é não canônica trissílaba (CARTOLA).

Vale ainda ressaltar que a atividade foi visualizada pelos alunos e também ditada pelo aplicador para facilitar a escri-



ta, e que para realizar essa parte da atividade a criança não precisava compreender o que estava escrevendo, precisava apenas escutar o som falado pelo aplicador e transformá-lo em símbolos gráficos. De acordo com os Parâmetros Curriculares da Educação Infantil “a criança aprende a produzir textos antes mesmo de saber grafá-los de maneira convencional (ex. quando ela dita uma narrativa para alguém escrever) e também é possível que a criança aprenda grafar um texto sem tê-lo produzido (quando escreve um texto ditado por alguém)” (p. 128-129).

Análise dos Gráficos

Os gráficos 7 e 8 (ver apêndice B e C) foram retirados do Relatório Geral de Resultados do Estado do Ceará da atividade Avaliativa PAIC-*Alfa* 1º ano – 2010.

Percentual Médio de Desempenho na Escrita do Nome

Podemos observar no gráfico 7 (ver apêndice B) que mais de 50% das crianças no Estado do Ceará escreveram seu nome completo e corretamente e 20% escreveram o nome completo parcialmente correto, entende-se por parcialmente a escrita do nome faltando algumas letras, ou em ordem inversa. Assim, tivemos mais de 70% das crianças, avaliadas no 1º ano, escrevendo o nome completo ao final do 1º semestre de 2010.

Vale ressaltar que a escrita do nome é uma das primeiras palavras que a criança começa a visualizar seja em casa ou em sala de aula. Porém FERREIRO E TEBEROSKY (1999) afirmam que essa afirmação depende da meio social em que esta criança está inserida. A criança que convive em uma classe média na qual os pais se preocupariam em colocar seu nome na roupa, na mochila e etc (letrada) estaria mais propensa a escrever seu nome primeiro. Diferentemente da criança de uma classe infe-



rior que não terá a oportunidade de conviver com a escrita do seu próprio nome. (p.221)

Podemos observar com os dados obtidos que muito se tem mudado no Estado em relação à Educação. Mesmo as crianças mais pobres tem se saído bem nas avaliações em larga escala. Atualmente essas crianças têm convivido muito mais com o mundo letrado e por isso o resultado foi bem satisfatório.

Percentual Médio de Desempenho na Escrita de Palavras

O gráfico 8 (ver apêndice C) mostra um bom resultado se observarmos que temos 44% das crianças divididas entre o nível alfabético e ortográfico. Temos um percentual considerável também no nível pré-silábico, mas tem-se que levar em conta que esta avaliação foi realizada ao final do 1º semestre do corrente ano.

Notam-se nos gráficos, dois extremos nos níveis de escrita das crianças. Vê-se que as crianças que estão no nível pré-silábico (24%) ainda não iniciaram a fonetização da escrita e requerem um tempo para essa maturidade e desejo pelo ler e escrever. Segundo Ferreiro & Teberosky (1999), nesse nível a criança tenta representar as palavras de forma pessoal e não estabelece correspondência sonora entre grafemas e fonemas.

Quando passam para o nível alfabético (14%) inicia-se o valor sonoro e a percepção que cada letra tem um som, daí percebe-se também o valor da vogal e de sua entonação, então a criança passa para o nível silábico-alfabético (15%). Segundo as autoras nesse momento a criança passa por um período de transição entre o nível silábico e o alfabético que é o nível *silábico-alfabético*. A criança atribui uma letra para cada som, mas, em algumas vezes, escreve sílabas, completas ou incompletas. Talvez por isso seus percentuais estejam tão próximos.



No nível de escrita alfabética (27%) as crianças já escrevem palavras, mas ainda com erros. Nesse nível a criança já conhece as regularidades da língua e compreende que os caracteres correspondem a valores sonoros menores que a sílaba. O nível ortográfico (18%) é o último nível de escrita em que os alunos já podem ser chamados de escritor de palavra. Este marca a passagem da criança para a escrita de maneira convencional respeitando normas ortográficas e gramaticais.

Conclusão

É de grande importância a avaliação do 1º ano do ensino fundamental, pois avaliando o nível de escrita das crianças, podem-se garantir estratégias de acompanhamento pedagógico diferenciado. No entanto, a evolução da escrita dependerá dos estímulos e oportunidades que serão oferecidos a criança.

Vale ressaltar que é na escola que o desenvolvimento na aquisição da escrita é potencializado, isso acontece a partir da interação da criança com práticas reais de leitura em que o professor alfabetizador exerce um importante papel como mediador desse processo.

No entanto, segundo Luckesi (2000) a avaliação ainda está muito ligada à promoção, quando realiza um teste certificador para um avanço ao nível seguinte. Esta é uma motivação para uma aprendizagem satisfatória, ou seja, o mínimo para alcançar um resultado. O mesmo aspecto é lembrado por Perrenoud (1999) quando afirma que “avaliar é criar hierarquias de excelência” (p.13). O que o autor quer dizer com essa afirmação é que tudo na sala de aula gira em torno da nota. A nota, no entanto, é uma mensagem que não diz de início ao aluno o que ele sabe, mas o que pode lhe acontecer. A partir desta, o aluno pode ser estigmatizado como ignorante ou celebrado com sua excelência.



Esta avaliação inédita mostrou bons resultados no Estado do Ceará, mas somente servirá de referência para profissionais da educação que atuem de maneira eficaz, respeitando a aprendizagem de cada educando e utilizando a avaliação como diagnóstico e não como classificação ou punição.

Nota

¹ O Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd) e o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) são instituições vinculadas à universidades federais brasileiras (UFJF e UFMG).



Referências

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mario Corso. Reimpressão 2008. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 17 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: Da Excelência à Regulação das Aprendizagens – Entre Duas Lógicas**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

CIASCA, Isabel. JALLES, André. MARQUES, Cláudio. MEDEIROS, Ana Paula. (Organizadores) **Relatório Geral de Resultados do Estado do Ceará da atividade Avaliativa PAIC-Alfa 1º ano – 2010**

SIMONETTI, Amália. **O Desafio de Alfabetizar e Letrar**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



APÊNDICE A

ATIVIDADE ESCRITA









APÊNDICE B

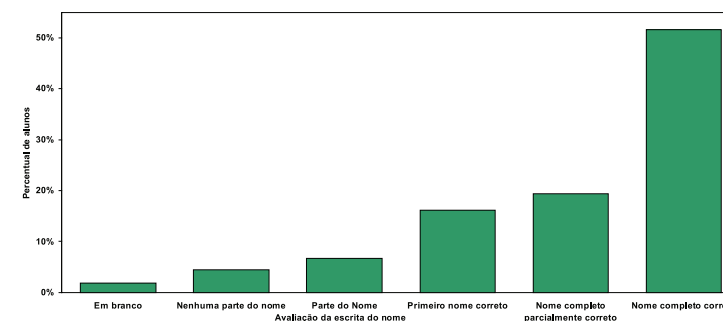


Gráfico 7 – Percentual médio de desempenho na escrita do nome



APÊNDICE C

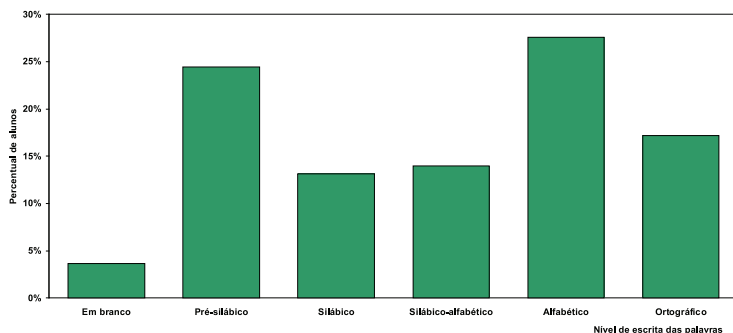


Gráfico 8- Percentual médio de desempenho na escrita de palavras.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA NA REGIÃO DOS INCONFIDENTES

Marger da Conceição Ventura Viana

Introdução

Este estudo sobre a avaliação da aprendizagem de Matemática na sala de aula é uma compilação de pesquisas já concluídas pela pesquisadora e seus alunos de Especialização em Educação Matemática e de Iniciação Científica. Referem-se a um Projeto cujo objetivo foi estudar a avaliação da aprendizagem de Matemática na Região dos Inconfidentes, Minas Gerais, contribuindo para o esclarecimento público acerca do conhecimento da situação vigente, aumento da literatura sobre o tema, aperfeiçoar o processo de ensino/aprendizagem da Matemática e ajudar na elaboração de políticas públicas para a Educação.

A região é a servida pela Rodovia dos Inconfidentes, abrangendo as cidades Belo Horizonte, onde ela se inicia, Itabirito, Ouro Preto, Mariana e Ponte Nova. Tais pesquisas são de Diniz (2003), Silva (2004), Pereira (2005), Duarte (2005), Siqueira (2005), Vieira (2006), Jalles (2007) e Almeida (2007). Embora existam outras cidades na região, não foram encontradas pesquisas sobre avaliação da aprendizagem de Matemática nelas realizadas.

Como resultado, está sendo preparada a publicação de um livro, contendo as pesquisas em detalhes, acerca da avaliação da aprendizagem de Matemática na sala de aula na Região dos Inconfidentes.

Justificativas

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN (BRASIL, 1996), em seu artigo 13, trata dos deveres dos pro-